

Em busca do ouro jornalístico

Humberto Werneck*

Para quem, como eu, pôs os pés na profissão sem ter passado por um curso de jornalismo (comecei em 1968, um ano antes da lei que tornou o diploma obrigatório) e que, portanto, estava condenado a aprender o ofício apenas no dia-a-dia das redações, tem sido extremamente rico e proveitoso, nessas quase quatro décadas, o contato com os jovens colegas que chegam da universidade. Enriquecimento em mão dupla, pude eu constatar durante os longos anos em que, redator-chefe da revista *Playboy*, participei, a cada mês de janeiro, das atividades do curso de jornalismo da Editora Abril, para em seguida acompanhar muito de perto o início de carreira de um punhado de ótimos talentos. Empreitada das mais gratificantes, posso assegurar, que muito me acrescentou.

Atuar como jurado do programa Rumos Itaú Cultural Jornalismo Cultural – Estudante, no segundo semestre de 2007, proporcionou-me a experiência inédita de conhecer a produção de jovens que vão pelo meio do curso, e não de formandos ou recém-formados, como acontece no Curso Abril de Jornalismo.

Tratava-se, assim, de fazer uma avaliação precoce de quem ainda não se encontra às portas do mercado de trabalho.

Considerado esse verdor, foi para mim interessante observar quanto o material inscrito (para mídia impressa, radioreportagem, videoreportagem e web-reportagem) espelha, em seu conjunto, as virtudes e os defeitos do jornalismo cultural brasileiro deste momento. Proporcionar a visualização desse quadro terá sido, provavelmente, o mérito maior da promoção do Instituto Itaú Cultural – determinada, desde o título, a apontar *rumos*, aí incluídos, acrescento eu, aqueles que *não devem* ser seguidos.

Por antipático que possa parecer, acho mais produtora falar aqui dos defeitos, pela óbvia razão de que, uma vez superados, aberto estará o espaço para trabalhar as virtudes.

O primeiro deles está logo no primeiro passo, na escolha da pauta – que, a exemplo do que se observa no jornalismo profissional, voltado ou não para assuntos culturais, no geral peca pela falta de imaginação, preso que está à agenda, de que dá conta burocraticamente. Sim, pois mesmo quando se acerta no tema, no momento de desenvolvê-lo muitas vezes se põe tudo a perder, ao adotar uma “pegada” convencional.

Desnecessário lembrar que uma boa “pegada” pode, com engenho e arte, tornar interessante uma reportagem sobre tema batido. Tratados de um jeito novo, inesperado, surpreendente, até aqueles assuntos manjados a cuja fatalidade o jornalismo não pode fugir, como as manifestações folclóricas, o movimento do comércio às vésperas do Natal, o caos do trânsito na volta do feriado prolongado, o proverbial “não-faltará-pescado-na-Semana-Santa” e mais um vasto etc., ganham sabor e têm toda a chance de ser converter em pratos deliciosos na mesa do leitor, do ouvinte, do espectador, do internauta.

Não foi por acaso que me referi primeiro a manifestações folclóricas: faltou fazer a conta, mas talvez tenham sido elas o filão preferido entre os concorrentes desta edição do Rumos Jornalismo Cultural. E quase sempre, nesses casos, o tratamento dos temas oscilou entre o tom insípido de verbete ou transitou por eles como quem percorre uma galeria não de coisas vivas, mas de exotismos meio empalhados.

Também a linguagem – falo sempre dos trabalhos em geral, nas quatro categorias – freqüentemente cai no convencional, na fórmula pronta, no lugar-comum. É algo que impera igualmente na produção de jornalistas veteranos, mas o fato de que gente tão jovem esteja reproduzindo linguagem tão velha me parece muito preocupante. Não só pelo contra-senso que há em recorrer a instrumentos obsoletos num ofício cuja finalidade essencial consiste justamente em anunciar o novo. Preocupa, sobretudo, o conformismo de quem, de olho no mercado, aceita renunciar ao que tem de mais pessoal e escolha como virtude de um jornalista a capacidade de “fazer igual”.

Certamente por isso, na seleção dos trabalhos busquei peneirar antes de mais nada o que me parecesse menos convencional, mais surpreendente – como tema, como enfoque, como linguagem. Havia pouco. Mas nunca há muito, seja nos concursos, seja nas redações, seja nos garimpos onde se cata ouro. O importante é que achados foram feitos, e para trabalhar com eles desde já, ainda em meio ao curso universitário, o programa Rumos Jornalismo Cultural tem as melhores ferramentas.

* **Humberto Werneck** é jornalista e escritor. Trabalhou em diversos jornais e revistas e publicou muitos livros, como *O Desatino da Rapaziada* (1992) e o songbook *Chico Buarque Letra e Música* (1989), revisto, consideravelmente ampliado e relançado em 2006 com o título *Tantas Palavras*.